

Turbulência política

E ngrossando a insatisfação popular pelo índice de 24,4% da inflação, em julho, aos rumores da derrubada do quarto ministro da Fazenda, em três anos de um só Governo, se juntam os de o Planalto acolher a panacéia de um redutor, oferecido precisamente por um ex-ministro em cuja gestão desabrocharam também as flores do mal. A sugestão até se revestiria de propósitos aceitáveis não servisse, indiscreta, mais aos abalos políticos do que a outro represamento perigoso dos efeitos, ficando as causas ilesas. Tampouco, as notícias de consultas íntimas da Presidência a economistas extra-oficiais em nada afetariam o sistema se deixassem, nesta hora confusa, de incidir no desgaste da autoridade ministerial.

Não se trata de defender o ministro Mailson da Nóbrega, da Fazenda, ou o ministro João Batista de Abreu, do Planejamento, uma dobradinha enfim articulada, que difere do ritual dos antecessores. Estes, ou assumiam o arbítrio, ou se desentendiam entre si. Ou dissociavam idéias, ou antepunham a audiência partidária à escala hierárquica do Presidente, conforme lacrou seu exercício o ilustre professor Luis Carlos Bresser Pereira. E ele demonstrou como funciona um redutor, na versão do congelamento. Foi uma simples estocagem de fatores fermentáveis. Ao romperem os diques, arrastaram de roldão paredes e tudo, reavolumando a avalanche dos detritos do Plano Cruzado. É esse lixo econômico que incha as taxas de hoje, cumprido o prazo de gestação. Portanto, é menos onda inflacionária do que impetuosa ressaca possuindo dois tentáculos: o da dívida externa e o do déficit público. Acudindo

uma e outro, o Brasil prescinde de máxima força e mobilização. É o que lhe falta, o que lhe é negado e o que se arrisca a mudar de rumo sob cabresto das ambições de políticos perdidos no espaço eleitoral. Destituídos de confiança própria, confiam na molemolência do poder, com o qual nem rompem, nem largam de vergastá-lo.

O Plano Cruzado exprime o que significa um redutor. Da marca negativa de 0,11%, em março de 1986, aos bocadinhos resfolegou para 7,27% positivos em dezembro e invadiu janeiro de 87 com 16,86%. Em janeiro de 1988, os 16,5% resultavam do redutor-congelamento do professor Bresser, o que dá ao fenômeno inflacionário brasileiro características peculiares, distintas, por exemplo, de países como a Alemanha Ocidental. Lá o gênio de Ludwig Erhard pôs mãos de aço no controle do balanço de pagamentos e dele fez sua alavanca, bem garantida pelo indômito despojamento da estatização. Compatibilizou, totalmente, uma ação com aquilo que o professor Friedrich Hayek preconizou: a inflação é causada pelo Governo e ao Governo cabe solucioná-la. Como? Seguindo o caminho inverso do que a produziu. E o professor Hayek ericou o Planalto, em maio de 1981, vindo para o Simpósio Internacional promovido pela Universidade de Brasília.

A inflação é questão eminentemente econômica. Tire-se-lhe a baixa política de suas costas largas. E se alguém acredita em milagre econômico, pela troca-troca de ministros, lembre-se do efêmero êxito do sr. Delfim Netto na virada dos anos 60-70. Quando o imaginavam canonizável, estava no ponto de ser crucificado, crucificando-se o País.